

Mulford não “dobra” Sarney

Helival Rios

O subsecretário de Assuntos Internacionais do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, não conseguiu ontem, durante uma reunião de 40 minutos, realizada no Palácio do Planalto, “dobrar” o presidente Sarney com relação à nova estratégia brasileira de condução da dívida externa. Ele queria ouvir do Presidente uma palavra de garantia de que o Brasil iria pagar em dia aos bancos privados estrangeiros os US\$ 2,3 bilhões que vencem em setembro próximo. Não conseguiu. O presidente Sarney foi claro e enfático: “Daqui para a frente, o pagamento dos juros da dívida externa brasileira estará irremediavelmente condicionado ao nosso nível de reservas internacionais”.

Mulford, contudo, não desanimou. Disse ao Presidente que se o Brasil for um País bem comportado em termos de ajustamento da sua economia e de entendimentos com os governos dos países industrializados, com os banqueiros, e com os dirigentes das entidades internacionais, pode chegar a um acordo da dívida externa tão bom quanto o que foi obtido pelo México, que conseguiu um desconto (ou deságio) de 35% sobre o estoque de sua dívida.

O subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos disse ainda ao presidente Sarney que não há nada que impeça a realização, neste momento, de um acordo entre o Brasil e os bancos privados, desmentindo os rumores de que os bancos estrangeiros e as entidades internacionais somente estariam dispostos a negociar com o próximo presidente eleito a 15 de novembro.

Essa possibilidade, contudo, não parece ter sensibilizado o presidente Sarney. Pois tão logo a ouviu, o Presidente teceu longos comentários sobre as carências do Brasil e sobre a impossibilidade concreta de o País continuar enviando para o exterior mais de US\$ 10 bilhões/ano na forma de juros, sem nada receber de dinheiro novo. Sarney explicou a Mulford que é um contra-senso um País pobre como é o Brasil converter-se, de repente, num exportador de capitais para o mundo desenvolvido.

Mas apesar de não ter conseguido o que pretendia — uma garantia de que o Brasil será um bom pagador — Mulford deixou o Planalto ontem à noite animado, explicando que veio à América Latina exatamente para sentir de perto os problemas do Continente e a disposição dos seus governantes para conduzir a questão da dívida externa.